

## **Pelos caminhos da memória: Lamego também foi a Itália**

Teve lugar mais um “Seminário sobre Rodas”, organizado pela Memoshoá, Associação para o Ensino e Memória do Holocausto, associação da qual faço parte em termos de associado e dirigente. Desta feita, este evento decorreu em Itália, um país fantástico do sul da Europa, protegido pelos Alpes e os Apeninos e refrescado (não muito) pelas águas azuis do Adriático e pela plenitude do Mediterrâneo. 23 portugueses constituíram o grupo. Foram sete dias intensos de história, memória e aprendizagem.

Os primeiros dois dias centraram-se em Roma, a cidade de Otávio Augusto e de Júlio César. Subimos ao Castelo de Sant’Ângelo e vimos as cúpulas da cidade eterna, refletidas das águas pardas do rio Tibre. Comemos o gelado mais fresco, a piza mais saborosa, ousamos encontrar a fonte mais corrente, a “piazza” mais cosmopolita, a estátua mais ousada. Mas como a nossa temática era a memória do Holocausto, não podíamos deixar de visitar os locais de excelência da cultura judaica: os museus, as sinagogas e também os sítios de martírio e os memoriais. Neste contexto, visitámos o Museu Judaico de Roma, a sinagoga e o antigo gueto. Tivemos uma visita guiada ao famoso Bairro EUR: sonho mitómano e revelador da arquitetura fascista de Mussolini. Visitámos a Fosse Ardeatine, nos arredores de Roma, local de martírio para judeus, resistentes políticos e povo anónimo. Obrigatória a visita à sumptuosa Cidade do Vaticano, vigiada por São Pedro, aonde recordámos a ação do Padre Joaquim Carreira: “um justo português”, que, como Diretor do Colégio Pontifício de Roma, salvou judeus de serem deportados e aniquilados.

No final do segundo dia, deslocámo-nos para o Norte, para a bela, verde e pitoresca região da Toscana. Viagem longa mas belíssima. E como tudo que é belo consegue ser surpreendente, eis que efetuámos paragem extra na sensacional cidade de Arezzo, local das filmagens do filme “A Vida é Bela”, de e com Roberto Benigni e ainda visitámos a Basílica de San Francesco, onde vimos os maravilhosos frescos de Piero della Francesca, um dos grandes mestres do Renascimento italiano. Juro que tudo isto não estava no programa!

Retomado o fôlego, assentámos arraiais em Florença, cidade-museu. A pé calcorreámos o fenomenal e indiscreto centro histórico e cruzámos as pontes que atravessam o Rio Arno, o marido líquido da cidade. Efetuámos a visita guiada à Sinagoga, uma das maiores da Europa. Não muito longe de Florença deslocámo-nos a Prato onde conhecemos o Museu da Deportação de Prato.

E fomos para norte... cada vez mais para norte... Cruzámos o rio Reno e subimos as montanhas. Encontrámos a Fundação da Escola de Paz em Monte

Sole, que representa a memória de três aldeias dizimadas pelos nazis. Sentimos o palpitar da memória e uma chuvinha de verão a refrescar os dias de calor intenso.

Partida para Bolonha na região de Emilia Romagna. Terceiro e quarto dia nesta cidade das massas, dos saborosos presuntos e queijos e dos insinuantes vinhos frisantes. Dizem até que tem a melhor gastronomia de Itália. Surpreendente o centro histórico de Bolonha: as suas arcadas, a réplica da Igreja do Santo Sepulcro, a sua universidade – a mais antiga do mundo-, as suas ruas e vielas judaicas. Depois, à tarde, veio Nonantola, local onde se situa a Fundação Villa Emma que conta a bela história das 70 crianças judias salvas durante a guerra. Em Gattatico, aldeia perto de Modena, visitámos o Museu Alcide Cervi que retrata a história de uma “família de resistência” aos regimes fascistas, logo símbolo de altruísmo e liberdade. Como diria Manuel Alegre... “há sempre uma candeia... (...) há sempre alguém que resiste, há sempre alguém que diz não...”

A semana ia longa mas profícua. Era já sexta- feira. Tempo de visitar a bela cidade de Ferrara e ter a oportunidade de degustar uma visita guiada ao Museu Nacional do Judaísmo Italiano e da Shoah. Esther Mucznik, presidente da Memoshoá, recordou a épica história de Grácia Mendes Nasi, uma mulher extraordinária nascida em Lisboa, em 1510, e que lutou, sempre perseguida pela Inquisição, para conservar a sua fé judaica, manter a família unida e a sua fortuna, com a qual nunca deixou de ajudar os seus irmãos de destino. Cidadã corajosa, viajou de Lisboa para Antuérpia, Ferrara e Veneza acabando por se instalar em Istambul onde finalmente se assumiu publicamente como judia.

No sábado e domingo vieram as tâmaras em cima do bolo: uma visita guiada pelo gueto de Veneza: museu e sinagogas; recordámos a história de Shylock no *Mercador de Veneza*, de Shakespeare, e jantámos no restaurante *Antica Sacrestia*, local fenomenal, escolhido por Al Pacino e Jeremy Irons para tomarem as suas refeições durante as filmagens do filme baseado na mesma obra. Ricardo Presumido, vice-presidente da Memoshoá, teve a mesma sensibilidade e o melhor bom gosto. Durante esta estada na mítica, romântica e sobrepovoada Veneza, ainda demos um *saltinho* a Trieste, a 3 km da fronteira com a Eslovénia para efetuarmos uma visita ao Campo de Concentração de Risiera di San Sabba. Foi magnífico o passeio livre pela Piazza Unità d'Itália, uma réplica perfeita do Terreiro do Paço. E que bom foi molhar os pés cansados nas águas do Adriático que misturam as brisas e as cores de Itália e dos Balcãs.

Em Veneza temos a destacar a belíssima Praça de São Marco, as viagens de comboio entre as estações de Mestre e Santa Luccia, a viagem de “Vaporetto” no Grande Canal. Para terminar de forma brilhante, tivemos mais uma visita

guiada. Desta feita, ao Palácio dos Doges e à exposição: *Veneza, os judeus e a Europa 1516-2016*.

Em termos de reflexão, devo confessar que é uma ilusão pensar que o progresso da cultura faz avançar os direitos do homem e impossibilita tragédias humanitárias deliberadamente provocadas por pessoas. A ameaça terrorista é real, infelizmente. Ela é sentida por muitos europeus e americanos como algo provocado por outras culturas, hostis aos valores da nossa civilização. Mas será que já esquecemos o terrorismo alemão (Baader-Meinhof) e italiano (Brigadas Vermelhas, que assassinaram o primeiro-ministro Aldo Moro) surgidos nos anos 60? E que dizer do IRA (Exército Republicano Irlandês) e dos inúmeros atentados da ETA em Espanha? E as nossas FP 25 de Abril? Hoje, boa parte dos militantes do chamado Estado Islâmico, incluindo os que atuam ou se preparam para atuar em países europeus, nasceu e cresceu na Europa...Aliás, o terrorismo ataca ferozmente populações africanas, do Sudão à Nigéria. E as carnificinas do Isis e do Boko Haram?

É uma ilusão pensar que o progresso da cultura faz avançar os direitos do homem e impossibilita tragédias humanitárias deliberadamente provocadas por pessoas. O Holocausto foi cuidadosamente planeado e executado (com prejuízo do próprio esforço de guerra germânico) por um povo, o alemão, de alto nível cultural. A cultura é algo excelente. Mas não se espere dela o que ela o que ela não pode dar: a eliminação do mal. Não andam por aí, ora latentes, ora manifestos, os gestos de Erdogan e as palavras de Trump?

No entanto, a preservação da memória foi o verdadeiro objetivo da nossa viagem. Recuperar a memória de um período histórico, de um povo, de uma comunidade não é só dar sentido à sua existência anterior, mas, sobretudo, efetuar uma reelaboração teórica do passado. E não basta lembrar ou reviver. Devemos refazer, reconstruir, repensar, reinterpretar a partir de desconstruções e representações. E é esse o papel fulcral que têm os “Seminários sobre Rodas”, organizados pela Memoshoá.

|

António Martins, Memoshoá